

Isócrates, Retor Socrático*

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio**

*Se aqueles que se ocupam de Sócrates não são todos filósofos, se aqueles que se dedicam à figura de Sócrates não consideram seu pensamento filosófico profundo como o essencial de seu ser, não seria justamente porque o que está em jogo para seus contemporâneos, o que era motivo de tão vivas disputas mesmo depois que a morte o condenou ao silêncio e à inatividade, não era unicamente um sistema filosófico especulativo? (VASCO DE MAGALHÃES-VILHENA, *Socrate et la Légende Platonicienne*)*

Nascida da tradição que faz de Isócrates um discípulo de Sócrates¹, a hipótese de uma relação Sócrates/Isócrates é também o relato de uma controvérsia que não encontra modo de se encerrar. Sabemos dos problemas em se buscar influências de um personagem tão diversamente retratado. Talvez – se a hipótese proceder – o Sócrates modelo de Isócrates fosse o histórico, que carregava as potencialidades de uma descrição à moda platônica (o poderoso dialético, preocupado com a verdade moral) e os simpáticos traços do Sócrates de Xenofonte (o homem justo e ponderado, sem grandes brilhos intelectuais, mas cheio de "sabedoria prática"). Não imaginamos quem – se Platão, Xenofonte ou mesmo Aristófanes² – é mais fiel ao "homem real": na verdade, as descrições talvez sejam todas corretas, variando conforme a proximidade e capacidade de quem as fez. Isto, de todo modo, não importa aqui: ao buscarmos investigar traços de "socratismo" em Isócrates, estaremos tentando pensar de que maneira o *texto isocrático* se relaciona com a *literatura socrática*. Impedidos de ignorar a questão, tentemos uma recensão de seus indícios.

Isócrates cita o nome de Sócrates em sua obra somente uma vez, no *Busíris*, uma crítica ao elogio deste mitológico rei do Egito feito por Polícrates, sofista ateniense. O encômio de Polícrates é tão ruim, diz Isócrates, que serve como

* É assim que Magalhães-Vilhena o chama (*Socrate et la Légende Platonicienne*, Paris, PUF, 1952, p. 99).

** Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP). Mestre e Doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE – USP). Professor de Filosofia da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.

¹ *Vida Anônima de Isócrates*, 8; *Fedro*, 278 e ss. PSEUDO-PLUTARCO (*Vida dos Dez Oradores: Isócrates*, 837e) diz que Isócrates vestiu luto por Sócrates.

² As indicações de Aristóteles não nos servem de muito, neste caso.

acusação. Por outro lado, a *Acusação de Sócrates*³, escrita pelo mesmo sofista, vale como apologia.⁴ Isócrates faz de Sócrates uma peça da discussão técnica, sem demonstrar nenhum envolvimento com quem poderia ter sido seu mestre. Ora, Górgias é tratado dessa mesma maneira na obra isocrática, sem destaque (na verdade, ele é até criticado por sua adesão às *micrologias*, à glosa de temas inúteis), e não se põe em dúvida a proximidade entre os dois: o "gorgianismo mitigado" do ateniense é prova suficiente de sua dívida com o sofista siciliano.

No caso de Sócrates, a pretensa influência será uma questão de fundo, antecedendo a tessitura do discurso mesmo quando acreditamos enxergá-la em primeiro plano.⁵ A preocupação com o conteúdo moral do discurso faz parte desta questão. No entanto, a moral de Isócrates é a moral tradicional, aquela que não se preocupa com a *definição* de virtudes ou valores, pois se aproxima deles como certezas comuns. Assim, se Isócrates colheu algo da ênfase socrática na justiça e na vida reta – seja por meio da *epídeixis* do mestre (Isócrates discípulo) seja por meio da literatura agregada ao nome de Sócrates (Isócrates ouvinte ou "leitor") – fez isto, necessariamente, de modo particular, retendo como modelo de sabedoria ou *sophrosyne* antes a atitude ou "personalidade" de Sócrates que qualquer "ensinamento." Tal como os cínicos:

O Sócrates que Antístenes admira é o sábio que condena a vãs especulações e que, de olhos fixos sobre a vida ativa, quer que toda ciência tenha um objetivo moral, prático. O Sócrates que a tradição cínica exaltou (...) foi um exemplo de inabalável firmeza, de virtudes e resignação viris, de domínio de si e de controle sobre suas paixões.⁶

Isócrates reiteradamente insiste sobre a precedência da virtude. No *Nícocles*, por exemplo, afirma que a maldade e o vício nunca serão mais úteis que a virtude.⁷ Mas é bom perceber (se isto for reflexo socrático) que o crivo é prático, fora de suportes *ontologicamente* fundados – a virtude deve ser seguida por conta de sua *utilidade*: o homem virtuoso é útil a si mesmo e a seus próximos. Eis aí um modo de Isócrates compreender e concordar com as prescrições do Sócrates modelo de *areté*, alguém cumpridor do que lemos no *Arquidamo*:

(...) Os que discutem sobre a virtude não devem se aplicar a outra coisa que não seja mostrar-se como gente que nada faz de indigno.⁸

Em outro discurso, defende-se a justiça a partir de um ponto de vista com o qual os socráticos concordariam:

³ As únicas fontes contemporâneas sobre a *Acusação de Sócrates* de Polícrates (~390) são justamente o *Busiris* de Isócrates e uma *Apologia de Sócrates* escrita por Lísias (PSEUDO-PLUTARCO, *Vida dos Dez Oradores*, 836b; Blass, Fr., *Die Attische Beredsamkeit*, I, p. 351). Posteriormente, ver DIÓGENES LAÉRCIO, II, 39. Para estas indicações, cf. Magalhães-Vilhena, *Socrate et la Légende...*, p. 38, n. 2; p. 40, n. 1.

⁴ ISÓCRATES, *Busiris*, 5.

⁵ "If Gorgias intoxicated him with the possibilities of style, Socrates was a sobering influence and touched his life more deeply." (G. NORLIN, *Isocrates*, I, Introd., p. xviii).

⁶ MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *Socrate et la Légende...*, p. 36, n. 2.

⁷ ISÓCRATES, *Nícocles*, 59.

⁸ ISÓCRATES, *Arquidamo*, 91. Salvo indicação em contrário, todas as traduções da obra de Isócrates são nossas.

Há homens tão insensatos para crer que a injustiça, mesmo sendo censurável é, no entanto, vantajosa e útil na prática cotidiana, e que a virtude da justiça, ainda que seja louvável, não tem serventia e pode ajudar antes aos outros do que quem a possui.⁹

Também encontramos correspondências no que é dito sobre nosso destino mortal. Se o Sócrates de Platão afirma que

o extremo dos males é chegar ao Hades uma alma carregada de iniquidades,¹⁰

o que Isócrates argumenta não é tão diferente:

(...) Os homens que vivem com piedade (*eusebeia*) e justiça (*dikaioσύνη*) passam com segurança o tempo presente, e têm as melhores esperanças para a eternidade.¹¹

Sócrates e Isócrates persuadem o auditório fazendo-o lembrar da morte, mas também sabem racionalizar a religião, quando é o caso: no *Crátilo*, o Sócrates platônico fala em termos bastante parecidos com os de Protágoras, dizendo que o melhor que se deve fazer, quanto aos deuses, é afirmar que nada sabemos nem deles em si, nem acerca dos nomes que se dão uns aos outros.¹² No discurso *A Nícocles* temos uma "suspensão de juízo" parecida:

Cumpra os teus deveres para com os deuses, tal como te ensinaram os teus antepassados: considera, no entanto, que o mais belo sacrifício e o maior serviço é o de se mostrar o melhor e o mais justo.¹³

Neste mesmo caminho, Isócrates louva no *Areopagítico* a maneira como os assuntos religiosos eram tratados ao tempo da antiga democracia de Sólon e Clístenes:

(...) naquilo que concerne aos deuses (...) celebravam seus mistérios sem irregularidade ou desordem (...). Só vigiavam isso: que nada fosse suprimido das tradições ancestrais, nem acrescentado coisa alguma fora dos costumes estabelecidos. Porque faziam a piedade residir não no luxo, mas no fato de não mudar nada do que fora legado por seus antepassados.¹⁴

Tal agnosticismo não o impediu de ter – ele também – um *daimónion*, que ao contrário daquele de Sócrates, incitava-o a falar.¹⁵ Divindade cívica e não particular, apropriada a um sofista repleto de altos anseios políticos, Isócrates recebia dela não a

⁹ ISÓCRATES, *Sobre a Paz*, 31. Os insensatos que não se nomeiam podem ser sofistas do quilate de Trasímaco, Pólo ou Cálicles. Foi este último quem afirmou que os fracos declararam "(...) indecorosa a intemperança, a fim de (...) escravizar os homens mais bem dotados pela natureza; não podendo eles próprios deparar satisfação a seus apetites, louvam a temperança e a justiça, por serem pessoalmente covardes." (*Górgias*, 492 a. Trad. Jaime Bruna).

¹⁰ PLATÃO, *Górgias*, 522 e. Trad. Jaime Bruna.

¹¹ ISÓCRATES, *Sobre a Paz*, 34.

¹² PLATÃO, *Crátilo*, 400.

¹³ ISÓCRATES, *A Nícocles*, 20. Também no *Busíris* (24-27) Isócrates aprova os inventores da religião, por sua função civilizadora.

¹⁴ ISÓCRATES, *Areopagítico*, 29 segs.

¹⁵ ISÓCRATES, *Filipe*, 149.

informação precisa do bem e do mal, mas a *disposição* para agir em favor da Hélade.¹⁶
E agir em favor dos gregos é também adverti-los:

Eu repreendo os cidadãos que se ocupam pouco de sua retidão e que, por outro lado, cometem muitos erros, e penso que são mais descuidados do que deveriam; além disso, aos que descendem de homens honrados e são apenas um pouco mais honestos que os maiores criminosos, mas muito piores que seus pais, eu os censuro e aconselho a não se comportarem assim.¹⁷

Admoestação que nos faz lembrar uma outra:

Se me matardes, não vos será fácil achar outro igual, outro que – embora seja engraçado dizê-lo – por ordem divina se aferre inteiramente à cidade, como a um cavalo grande e de raça, mas um tanto lerdo por causa do tamanho e precisado de um tавão que o espevite; parece-me que o deus me impôs à cidade com essa incumbência de me assentar perto, em toda parte, para não cessar de vos despertar, persuadir e repreender um por um. (...) Podeis reconhecer que sou bem um homem dado pelo deus à cidade por esta reflexão: não é conforme a natureza do homem que eu tenha negligenciado todos os meus interesses, sofrendo, há tantos anos, as conseqüências desse abandono do que é meu, para me ocupar do que diz respeito a vós, dirigindo-me sem cessar a cada um em particular, como um pai ou irmão mais velho, para o persuadir a cuidar da virtude.¹⁸

Sabemos que existem tantos Sócrates quanto exegetas do socratismo, e que a ascendência determina-se, sempre, pelo sujeito que a sofre. Desta maneira, no lugar da especulação teórica, seria plausível para Isócrates definir a tarefa de Sócrates em termos de preocupações práticas e políticas. Como em Xenofonte:

[Sócrates] abstendo-se, ao revés da maioria dos outros filósofos, de dissertar sobre a natureza do universo, de indagar a origem espontânea do que os sofistas chamam "cosmos" e a que leis fatais obedecem os fenômenos celestes, ia ao ponto de demonstrar a loucura dos que se lançam à semelhantes especulações. Antes de tudo examinava se eles presumiam ter aprofundado suficientemente os conhecimentos humanos para se ocuparem de tais assuntos, ou se achavam razoável pôr de parte o que está ao alcance do homem para intrometer-se no que aos deuses pertence. Admirava-se de que não vissem serem tais segredos intangíveis ao homem, de vez que longe de concordarem entre si, aqueles mesmos que se gabam de melhor falar sobre eles se têm mutuamente na conta de loucos. (...) Quanto aos que se preocupam com a natureza do universo, estes afirmam a unidade do ser, aqueles a sua multiplicidade infinita. Uns crêem os corpos em perpétuo movimento, outros em inércia absoluta. Aqui se pretende que tudo nasce e tudo morre, ali que nada se criou e nada deve ser destruído.¹⁹ Perguntava Sócrates ainda se, assim como

¹⁶ ISÓCRATES, *Filipe*, 149-150. O deus apenas indica: "O senhor, de quem é o oráculo de Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais" HERÁCLITO, frag. 93.

¹⁷ ISÓCRATES, *Areopagítico*, 72. Neste passo, seguimos a tradução espanhola de Guzmán-Hermida.

¹⁸ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 30 e - 31 a-b. Tradução Jaime Bruna.

¹⁹ cf. ISÓCRATES, *Antídosis*, 268 (veja-se também a página 67).

estudando o que concerne ao homem se espera auferir desse estudo proveito para si e para os outros, não imaginam os que estudam o que pertence aos deuses, uma vez instruídos nas leis fatais do mundo, poder produzir a seu capricho os ventos, a chuva, as estações e tudo o de que venha a precisar no gênero, ou se, sem se abalancharem a tanto, contentar-se-ão de saber como se processa cada um desses fenômenos. Eis o que dizia dos que se ingerem nesta sorte de indagações. Quanto a ele, discutia constantemente tudo o que ao homem diz respeito, examinando o que é o piedoso e o ímpio, o belo e o vergonhoso, o justo e o injusto, a sabedoria e a loucura, o valor e a pusilanimidade, o Estado e o homem de Estado, o governo e o governante e mais coisas dessa jaez, cujo conhecimento lhe parecia essencial para ser virtuoso e sem o qual se merece o nome de escravo.²⁰

A citação é longa, mas nos traz o Sócrates do qual Isócrates seria discípulo sem restrições. Repare-se a proximidade com a *Antídosis*:

Chamam-se filósofos aqueles que negligenciam o necessário, para lançarem-se às invenções bizarras (*teratologias*) dos antigos sofistas, desconsiderando-se os que, por meio de seus estudos e atividades, bem conduzirão seus assuntos particulares e aqueles do Estado, tarefa a qual é preciso consagrar nosso trabalho, nossa filosofia (*philosophia*) e toda nossa atividade.²¹

De fato, tanto Isócrates quanto Sócrates estão juntos novamente no pouco valor dado ao trabalho dos fisiólogos, aqueles que "dissertam sobre a natureza do universo". O interesse de Sócrates é o homem:

Vejam: o que é mesmo o que afirmam os caluniadores em sua difamação? (...) 'Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há sob a terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento'. É mais ou menos isso, pois o que vós próprios véis na comédia de Aristófanes – um Sócrates transportado pela cena, apregoando que caminhava pelo ar e proferindo muitas outras sandices sobre assuntos de que não entende nada. Dizendo isso, não desejo menoscar tais conhecimentos, se é que os possui alguém – não será desse crime que me há de processar Meleto – mas a verdade é que não tenho deles, Atenenses, a mais vaga noção.²²

A posição de Isócrates, longe da ciência das coisas e inteiramente voltada para o político (o que equivale a dizer, em seus termos, ao *humano*) talvez reservasse a Sócrates e ao seu "método" uma tolerância nascida de mundivisões semelhantes:

No fim de contas, Sócrates não foi um filósofo como os outros; nem sequer o foi ao mesmo título que um Parmênides, um Platão, um Demócrito ou um Aristóteles. (...) Ele foi unicamente, e ao mais alto

²⁰ XENOFONTE, *Memoráveis*, I, I, 11-16.

²¹ ISÓCRATES, *Antídosis*, 285. Quem sabe se Isócrates, ao notar os rumos que tomava a herança intelectual de Sócrates, desenvolvendo-se tanto no conceitualismo platônico como na "erística" dos Pequenos Socráticos, não se espantou com a transformação, por um lado em sabedoria dogmática e "abstrata", por outro em jogo de palavras à moda dos sofistas, daquilo que no início era uma reação a tudo isso?

²² PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 19 b-d. Cf. *Fedro* 229e-230a: "... campos ou árvores nada podem me ensinar, somente os homens da cidade ensinam-me."

grau, um homem de ação: um prático. A sua atividade dialética teve sempre uma finalidade prática: a análise da experiência moral como fundamento da ação cotidiana. Se algum pensamento definitivo ele teve, foi o de uma moral orientada para a vida, um sistema acima de tudo prático. (...) O socratismo rejeita, como sendo-lhe perfeitamente estranha, toda a preocupação de ordem especulativa: Sócrates nunca se afastou das circunstâncias particularíssimas da experiência da cidade, num momento em que os problemas humanos assumiram um caráter novo perante o fato social.²³

Este é o Sócrates que Isócrates poderia admitir e aceitar como influência: um Sócrates sem especulação, moralmente inatacável e crítico dos excessos dos homens de conhecimento – e dos representantes da democracia avançada, porque também no conservadorismo estarão próximos. Na verdade, se a literatura socrática²⁴ tem uma unidade, encontra-a "no espírito político claramente contrário às idéias democráticas e, por outro lado, abertamente simpático, em maior ou menor grau, às orientações oligárquicas".²⁵ Dentro desta tradição há espaço para o desprezo isocrático pelos representantes de uma *paidéia* reduzida às exigências baratas da política, aqueles capazes de convencer por meio de palavras, mas que são refutados no justo momento em que agem.²⁶ Sem refletir, ocupam-se dos assuntos dos outros e da cidade desconhecendo a si mesmos,²⁷ tarefa que Sócrates já havia considerado a mais importante:

"Que sentença corporal ou pecuniária mereço eu que entendi de não levar uma vida quieta? (...) Eu que me entreguei a procura de cada um de vós em particular, a fim de proporcionar-lhe o que declaro o maior dos benefícios, tentando persuadir cada um de vós a cuidar menos do que é seu que de si próprio para vir a ser quanto melhor ou mais sensato, menos dos interesses do povo que do próprio povo, adotado o mesmo princípio nos demais cuidados?"²⁸

O indício definitivo, se não da proximidade concreta entre os dois pensadores, mas de sua possibilidade, é o texto da *Antídosis*. Escrito por Isócrates aos 82 anos, deve muito à *Apologia* platônica e serve – para aqueles que desejam ser cruéis com ele – quase como uma justificativa *ad hoc* de seu trabalho. O discurso, de todo modo, é uma justificativa da vida e da *paidéia* de Isócrates, apresentado na forma de uma *apologia pro vita sua* – a primeira autobiografia do Ocidente.²⁹ As constantes referências ao texto platônico talvez pudessem agregar ao discurso a dignidade que irradiava da figura de Sócrates e, mais que isso, permitir, ao justapor a figura de Isócrates àquela do mestre, uma persuasão efetiva acerca da pertinência e do sentido de sua "filosofia". Assemelhar-se a Sócrates é assemelhar-se ao filósofo *par*

²³ MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *O Problema de Sócrates...*, p. 91-92.

²⁴ A literatura socrática é a "legenda socrática": tradição formada por todos aqueles que se ocuparam, de uma forma ou de outra, da figura de Sócrates. Ela inclui Platão e Xenofonte, mas também Rabelais e o "anti-socratismo" de Aristoxeno de Tarento e Polícrates (cf. MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *Socrate et la Légende...*, pp. 23, 38 e 40).

²⁵ MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *Socrate et la Légende...*, p. 77. Sobre o ideal político de Isócrates, cf. *Panatenaico*, 153 segs.

²⁶ ISÓCRATES, *Helena*, 4.

²⁷ ISÓCRATES, *Evágoras*, 41.

²⁸ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 36c. Isócrates também lera "o que está escrito em Delfos" (*Panatenaico*, 230), o "conhece-te a ti mesmo" que se tornou marca socrática.

²⁹ JAEGER, W., *op. cit.*, p. 1179.

excellence: a *Antídosis* foi escrita quase cinquenta anos depois de sua condenação e, se acreditarmos em Diógenes Laércio,

(...) passado pouco tempo [da morte de Sócrates] os atenienses arrependeram-se, fecharam as palestras e os ginásios atléticos, baniram os outros acusadores e condenaram Mêletos à morte; além disso, honraram Sócrates com uma estátua de bronze, obra de Lísipos, erigida no recinto destinado às procissões. Ânitos, recém-chegado a Heracléia, foi expulso pelos habitantes da cidade no mesmo dia.³⁰

Portanto, quando Isócrates escreve a *Antídosis* Sócrates já era um símbolo.³¹ Ao identificar-se com ele, sairiam ganhando sua obra, mas também "a expressão de seu espírito e de sua vida".³²

Logo no início dessa ficção jurídica,³³ Isócrates lembra o auditório dos erros que a cidade cometeu ao julgar de modo imprudente e apaixonado.³⁴ Segundo Mathieu,³⁵ indicam-se aqui o julgamento de Arginusas e o arrependimento pela morte de Sócrates. Adiante, repetem-se as acusações que Sócrates teve de enfrentar: fazer mais forte o argumento fraco³⁶ e corromper a juventude.³⁷ Repete-se também a situação do réu: um homem velho sem experiências nos processos.³⁸ Assim como no caso de Sócrates, a inocência do acusado é evidente: não há, entre aqueles que privaram de sua companhia e magistério, ninguém que o acuse – a não ser Lisímaco, a personagem (literalmente) encarregada disso:³⁹

Creio encontrar as mais fortes provas de que nenhum cidadão foi prejudicado por meu talento, nem por meus escritos, justamente no perigo que corro agora. Se alguém tivesse sido vítima de uma injustiça, e guardado silêncio durante todo este tempo, não teria desperdiçado esta ocasião, mas se apresentaria seja como acusador, seja como testemunha.(...) Mas será impossível ver, antes ou agora, alguém que me acuse.(...)⁴⁰ Em quem vós devereis confiar? Naqueles que conhecem bem

³⁰ DIÓGENES LAÉRCIO, 2, 43.

³¹ Parecido talvez com as "estátuas de virtude" do discurso *A Nícoles*, 36.

³² ISÓCRATES, *Antídosis*, 7.

³³ A *Antídosis* tem esse nome porque, se aos homens mais ricos de Atenas era cobrada a manutenção de uma trirreme em época de guerra, havia a possibilidade de se fugir deste encargo encontrando alguém que fosse ainda mais rico. O processo determinava que o perdedor assumisse a trierarquia, ou concordasse em trocar de fortuna com o vencedor. De fato, em 356, um cidadão chamado Megaclides, instado a cumprir esta liturgia, protestou, dizendo ser Isócrates mais rico do que ele. Defendido por seu filho adotivo, Afareu, Isócrates perde a disputa, e acaba responsabilizando-se pelo imposto. O discurso que nos chegou com este nome, no entanto, não é aquele apresentado em 356, mas uma defesa que Isócrates constrói de sua vida e obra, datada de 353. Se a argumentação que se segue não tem uma ligação direta com a rubrica do processo - a troca de bens - tem com ele uma ligação de fundo: é bastante provável que Isócrates sofresse ataques motivados por suas posições políticas e pelo êxito que sua escola alcançara. Para ele, a inveja seria a origem de tais críticas, carregadas de acusações de corrupção da juventude e de enriquecimento com seu ensino. O discurso da *Antídosis* constitui-se, desta maneira, como uma prestação de contas de seu magistério e de seu ideal de *paidéia*.

³⁴ *idem*, 19.

³⁵ MATHIEU, *Isocrates...*, III, p. 108, n.1.

³⁶ ISÓCRATES, *Antídosis*, 15. Cf. Platão, *Apologia de Sócrates*, 19 b.

³⁷ *idem*, 30. Cf. *Apologia* 24 b.

³⁸ *idem*, 26-27. Cf. *Apologia* 17 d.

³⁹ *idem*, 33 ss. Cf. *Apologia* 33 c-d. Este recurso aos motivos pessoais poderia ser, no entanto, um lugar comum da retórica judiciária, utilizado por Isócrates e Platão.

⁴⁰ *idem*, 33, 35.

meus discursos e meu caráter, ou naquele que, sem me conhecer em nada, decidiu acusar-me falsamente?⁴¹

É clara a semelhança com a *Apologia* platônica:

(...) Se há moços que estou corrompendo e outros que já corrompi, forçosamente decerto, alguns deles já amadurecidos compreenderam que outrora, na sua mocidade, eu lhes dera maus conselhos e podem levantar-se para me acusar e punir; se não o quiserem eles fazer, alguém da família, o pai, os irmãos, outros parentes, se os seus familiares sofreram qualquer má influência minha, podem lembrá-la agora e puni-la. (...) Bem ao contrário, senhores, acharei todos prontos a acudir-me a mim, o corruptor, que faço mal a seus parentes no dizer de Meleto e Ânito. Talvez tivessem razão para me apoiar os corrompidos: mas os que não corrompi, já mais idosos, parentes daqueles, que motivo terão para apoiar-me, senão o reto e justo de reconhecerem que Meleto mente e eu digo a verdade?⁴²

Também como Sócrates, Isócrates recorda seus "próximos"⁴³ – os homens justos que formara legitimarão perante a *pólis* seu trabalho e sua *paidéia*.⁴⁴ Eunomo (estratego em 388 e embaixador na Sicília em 393), Lisitides (trierarca em 355),⁴⁵ Calipo (adversário de Apolodoro em um processo),⁴⁶ Oneter e Filônides (irmãos, adversários de Demóstenes em seus processos de tutela),⁴⁷ Filomelo (várias vezes trierarca),⁴⁸ Carmântides (seu avô foi tesoureiro de Atenas), Anticles (de quem nada se sabe) e Timóteo, o seu predileto.⁴⁹ Além desses, a tradição preservou os nomes dos historiadores Teopompo e Éforo; do escritor Asclepiades (que fez uma compilação dos temas tratados pelos trágicos); do poeta Teodectes; dos oradores Hipérides, Iseu e Licurgo, do atidógrafo Andrócion; do embaixador de Filipe em Atenas, Píton de Bizâncio; do homônimo do mestre que, junto de Teopompo, foi indicado para ser preceptor de Alexandre; além dos nomes de Leodamos, Lacritos e Filisco.⁵⁰ Até

⁴¹ *idem*, 58.

⁴² PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 33d, 34 a-b.

⁴³ Cf. ISÓCRATES, *Panatenáico*, 200, 229, 233; *Antídosis*, 3, 186, 195; *Filipe*, 17. Não tem algo de socrático essa maneira de tratar os discípulos?

⁴⁴ ISÓCRATES, *Antídosis*, 93. Na *Apologia*, 33d, 34 a-b, Sócrates enumera alguns de seus amigos e parentes desses amigos: Críton (o interlocutor de Sócrates no diálogo de mesmo nome) e seu filho Critobulo; Lisânias e seu filho Ésquines (o socrático); Antifonte (não o orador oligarca) e seu filho Epígenes (cf. XENOFONTE, *Memoráveis*, III, 12); Nicóstrato e Teódoto, filhos de Teozótides (personagens desconhecidas); Demódoco (cf. TUCÍDIDES, IV, 75) e seus filhos Páralo (também ignorado), e Teages (que deu seu nome a um diálogo falsamente atribuído a Platão. Cf. também *República*, 496 b); Adimanto, irmão de Platão (esta é uma das três passagens – fora das *Cartas* – em que Platão cita seu próprio nome: as outras duas são *Apologia*, 38b e *Fédon*, 59b); Ajantadoro (desconhecido) e seu irmão Apolodoro (é ele quem narra o *Banquete* platônico. Quanto a estas indicações, ver as notas de E. Chambry em sua edição da *Apologia*. Cf. também XENOFONTE, *Memoráveis*, III, 11, 17; *Fédon*, 59a, 117d).

⁴⁵ cf. DEMÓSTENES, XXIV, II. Cf. MATHIEU, III, p. 126, n. 1.

⁴⁶ cf. PSEUDO-DEMÓSTENES LII, 4. Cf. MATHIEU, *idem*.

⁴⁷ cf. DEMÓSTENES XXIX, 3; XXX e XXI. Cf. MATHIEU, III, p. 127, n. 1.

⁴⁸ cf. DEMÓSTENES, XXI, 174. Cf. MATHIEU, *idem*.

⁴⁹ cf. MATHIEU, *Isocrate*,..., III, p. 126-127, n. 1 e 2, acerca das indicações sobre os discípulos de Isócrates. O longo elogio (101-139) feito ao seu discípulo mais famoso, Timóteo, filho do general Cónon e estratego na guerra contra Esparta que se seguiu à fundação da Segunda Liga Marítima, é, ao mesmo tempo, uma defesa da educação isocrática e uma acusação à *pólis*, que por três vezes o destituiu.

⁵⁰ PSEUDO-PLUTARCO, *Vida de Isócrates*, 837 c-d; ANÔNIMO, *Vida de Isócrates*, 99-105 (ed. MATHIEU); MARROU, H.I., *op.cit.*, p. 141.

Demóstenes quis seguir suas lições, mas parece que não as pode pagar.⁵¹ E a descrição de conjunto que Isócrates nos dá de seus discípulos, ainda que possa refletir prescrições da sabedoria gnômica, tem um parentesco inegável com os apotegmas do socratismo:

Eis os homens que, em plena juventude, desprezaram os prazeres na idade em que a maioria das pessoas mais os deseja; que, podendo ficar ociosos sem nada gastar, preferiram investir seu dinheiro esforçando-se; recém saídos da infância, perceberam - coisas que muitos velhos não sabem - que o homem que conduz sua juventude com retidão e dignidade e bem começa na vida deve cuidar antes de si mesmo que de seus bens, não se apressar em comandar aos outros antes de ter encontrado alguém para dirigir seus pensamentos, e não se alegrar nem se orgulhar de quaisquer outros bens que não aqueles assegurados à sua alma pela educação.⁵²

Se o tribunal admite que esses homens foram realmente alunos de Isócrates, é preciso que se tenha por ele mais gratidão do que pelos que são alimentados no Pritaneu.⁵³ E o Sócrates de Platão, o que nos diz?:

Que sentença mereço por ser assim? (...) Nada tão adequado a tal homem, Atenienses, como ser sustentando no Pritaneu; muito mais que a um de vós que haja vencido, nas Olimpíadas, uma corrida de cavalos, de bigas ou de quadrigas (...). Se, pois, cumpre que me sentenciem com justiça e em proporção ao mérito, eu proponho o sustento no Pritaneu.⁵⁴

Ainda outra semelhança: Sócrates cede de bom grado seu lugar ao acusador se este for capaz de mencionar alguém que se tornou pior por acompanhá-lo:

Posso citar muitas outras pessoas [de suas relações], uma das quais deveria Meleto ter apresentado como testemunha de acusação; se então se esqueceu, faça-o agora, com minha licença, e diga se tem algum testemunho daquela natureza.⁵⁵

Isócrates:

Cedo o lugar a meu acusador e a qualquer outro que o queira, se puderem citar um homem deste tipo.⁵⁶

Mesmo seu afastamento da política ativa – devido a sua timidez e falta de voz⁵⁷ – serve para aproximá-lo de Sócrates. Ele manteve-se longe das magistraturas e

⁵¹ PSEUDO-PLUTARCO, *idem*, 837 d.

⁵² ISÓCRATES, *Antídosis*, 289-290. Cf. n. 31.

⁵³ *idem*, 95.

⁵⁴ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 36 d-e.

⁵⁵ *idem*, 34 a.

⁵⁶ ISÓCRATES, *Antídosis*, 100. Também pode ser um lugar comum da retórica forense.

⁵⁷ cf. ISÓCRATES, *Carta VIII* (Aos Magistrados de Mitilene, 7); *Carta I* (A Dionísio, 9-10); *Filipe*, 81. Isócrates "não só não tinha voz potente, mas sentia uma timidez invencível sempre que tivesse de falar em público. A massa como tal assustava-o. É evidente que, ao falar sem qualquer escrúpulo dessa agorafobia, Isócrates não pretende desculpar apenas a sua abstenção completa de toda atividade política, mas tem

das vantagens que dela poderia obter, ocupando-se apenas em pagar os impostos que devia como homem rico.⁵⁸ Sócrates – homem pobre, livre das altas taxas – agira igualmente, mas inspirado pela divindade:

(...) Ela é que me barra a atividade política (...). Com efeito, Atenienses, jamais exerci um cargo público, apenas fiz parte do Conselho.⁵⁹

Também o pedido que Sócrates faz aos juízes, para que sejam tolerantes com seu modo franco e simples de se expressar – o que empregava "na praça, junto das bancas"⁶⁰ – e para que o julguem com justiça, Isócrates repete ao seu modo:

Eu peço, se notarem que pronuncio palavras diferentes das que estão acostumados, que não se irrite e me desculpem, refletindo que as pessoas que disputam sobre assuntos excepcionais são obrigadas a empregar também discursos distintos. Tolerem minha maneira de me defender e minha franqueza (*parresia*); deixem-me utilizar o tempo que cabe à defesa; depois, votem o que a cada um de vós pareça justo e legal.⁶¹

Ao final de sua *apologia*, Isócrates quer ser absolvido por seus próprios méritos:

Vejo os outros acusados, quando chegam ao termo de sua defesa, empregar súplicas e rogos, e fazer intervir seus filhos e amigos. Creio que nada disso convém a pessoas da minha idade e, ademais, teria vergonha de dever minha salvação a outra coisa que não aos discursos que escrevi e li diante de vós.⁶²

O Sócrates de Platão diz o mesmo:

Basta, senhores; o que eu poderia alegar em minha defesa é, em suma, isso mesmo e quizá argumentos de mesmo gênero. Algum de vós talvez se indigne com a recordação de seu caso se ele próprio, às voltas com uma lide, embora menos grave que esta, teve de pedir, de suplicar aos juizes com lágrimas copiosas, de trazer, para melhor movê-los à piedade, os filhos, outros parentes, muitos amigos, ao passo que eu - não é? - não vou fazer nada disso, apesar de estar correndo, como posso imaginar, o extremo perigo. (...) Eu considero uma nódoa aquele procedimento na minha idade e com a reputação adquirida; certa ou errada, sempre é opinião corrente que Sócrates nalguma coisa se distingue do comum dos homens.⁶³

ainda a consciência de que esta disposição de espírito constitui um traço original, enraizado nas camadas profundas do seu ser."(JAEGER, *op. cit.*, p. 1068).

⁵⁸ ISÓCRATES, *Antídosis*, 145.

⁵⁹ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 31 d, 32 b. Referência ao *Conselho dos 500*, quando do processo de Arginusas.

⁶⁰ *idem*, 17 c.

⁶¹ ISÓCRATES, *Antídosis*, 179.

⁶² *idem*, 321.

⁶³ PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 34 b-c, 34 e.

O que nos sobra? Magalhães-Vilhena afirma que Sócrates, para Platão, é um símbolo, um modelo a ser imitado.⁶⁴ Pode-se dizer o mesmo dos outros que, de uma maneira ou de outra, entraram em contato com a "epifania" socrática.⁶⁵ Se em alguns essa ascendência é clara (lembramos de um: Antístenes) será que não se dá coisa parecida – *cum grano salis* – nas citações da *Apologia* platônica que encontramos na *Antídosis* e nas referências às características socráticas (ao *ethos* dessa personagem) que pontilham os textos de Isócrates? Assim, talvez o tônus da nunca esmaecida pretensão de Isócrates à filosofia deva algo à percepção particular de *um* significado no magistério de Sócrates – ou como se queira chamar a atividade que exercia – mais próximo da moralidade de Xenofonte que das "aventuras da dialética."

Se nada afirmamos sobre uma relação entre o Sócrates histórico e o orador ateniense (mesmo que no *Fedro* Isócrates apareça como "companheiro"⁶⁶ do mestre, que vaticina grandes feitos ao pupilo) pelo menos temos a certeza de que Isócrates não ficou imune a Sócrates: ele participa da literatura socrática. Mas este é um ponto fixo diminuto, cercado de perguntas por todos os lados: Isócrates aproveitou, seja das palavras do mestre, seja das variadas vozes postas a falar depois do impacto causado por Sócrates, aquilo que mais lhe servia? Ou seria melhor, em vez disso, considerar uma base anterior e comum a ambos? Os reflexos que encontramos nos discursos de Isócrates derivam de uma relação direta ou podem ser explicados "retoricamente", como *textos sobre textos*? O Sócrates "exemplar" faz nascer em Isócrates o anseio de ser, também, um exemplo?⁶⁷ Assim como o oráculo, não afirmamos nem negamos: demos estes poucos sinais.

* * *

Referências Bibliográficas:

- ANÔNIMO, *Vie Anonyme d'Isocrate, in Isocrate: Discours*, Paris, Les Belles Lettres, Vol I.
- DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, trad. Mário da Gama Kury, Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- DUPRÉEL, E., *La Légende Socratique et les Sources de Platon*, Bruxelles, Editions M. Sand, 1922.
- ISOCRATE: *Discours* - trad. G. Mathieu et A. Brémond, Paris, Les Belles Lettres, 1928 (3 vol.).
- ISOCRATES - trad. G. Norlin, The Loeb Classical Library, Harvard University Press, London, William Heinemann Ltd., 1954 (3 vol.).
- ISÓCRATES, *Discursos*, trad. J. M. Guzmán Hermida, Madrid, Ed. Gredos, 1979 (2 vol.).
- JAEGER, W., *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, trad. A.M. Parreira, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1995.
- MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *Socrate et la Légende Platonicienne*, Paris, PUF, 1952.

⁶⁴ MAGALHÃES-VILHENA, V. de, *Socrate et la Légende...*, p. 156.

⁶⁵ O que seria verdade mesmo que Sócrates fosse uma bem engendrada ficção (cf. DUPRÉEL, E., *La Légende Socratique et les Sources de Platon*, Bruxelles, Editions M. Sand, 1922).

⁶⁶ *to etairos* □ □ Cf *Fedro*, 278e segs.

⁶⁷ cf. ISÓCRATES, *Contra os Sofistas*, 17.

- MARROU**, H.I., *História da Educação na Antiguidade*, trad. Mário Leônidas Casanova, São Paulo, Ed. Herder/E.P.U., 1975.
- PLATÃO**, *Apologia de Sócrates*, trad. Jaime Bruna, in *Sócrates*, São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- PLATÃO**, *Górgias*, trad. Jaime Bruna, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989.
- PLATON**, *Oeuvres Complètes*, traduction nouvelle avec des notices et des notes par E. Chambry et R. Baccou, Paris, Librairie Garnier Frères, 1950 (8 vol.).
- [**PLUTARCO**], *Vie des Dix Orateurs, IV - Isocrate*, in *Isocrate: Discours*, Paris, Les Belles Lettres, Vol I.
- Pré-Socráticos - Fragmentos e Doxografia*, trad. José Cavalcante de Souza, São Paulo, Nova Cultural, 1992
- ROCHA PEREIRA**, Maria Helena de, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- XENOFONTE**, *Memoráveis*, tradução de Líbero Rangel de Andrade, in *Sócrates*, São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- XÉNOPHON**, *Oeuvres*, trad. P. Chambry, Paris, Garnier, 1950.